

MATERIAL DIDÁTICO E ADAPTADO DE ESCRITA DE SINAIS PARA PESSOAS SURDOCEGAS

DIDACTIC AND ADAPTED SIGN WRITING MATERIAL FOR DEAFBLIND PEOPLE

Lia Claudia Coelho¹

Ellen Soares de Loiola²

RESUMO

Este artigo apresenta criação de um material didático de escrita de sinais para adaptar os símbolos escritos de configurações de mão para formas gráficas, táteis e confeccionadas em relevo, mas possibilita que, através do sentido do tato, o aprendiz surdocego realize atividades de ensino de escrita de sinais. O objetivo dessa pesquisa é apresentar uma produção de material de escrita de sinais em recursos táteis. A metodologia é utilizada por formas confeccionadas em escrita de sinais na modalidade tátil e uma pesquisa bibliográfica. Desse modo, defende-se neste trabalho a necessidade de interação entre teoria e prática no ensino de escrita de sinais para os alunos surdocegos, bem como de integração entre a língua brasileira de sinais (Libras) e a escrita de sinais, avaliando desempenho com flexibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Material didático adaptado. Escrita de Sinais. Pessoas surdocegas.

ABSTRACT

This article presents the creation of a didactic material for sign writing to adapt the written symbols of hand configurations to graphic, tactile and embossed forms, but it allows the deafblind learner to carry out sign writing teaching activities through the sense of touch. The objective of this research is to present a production of sign writing material in tactile resources. The methodology is used by forms made in sign writing in the tactile modality and a bibliographic research. Thus, this work defends the need for interaction between theory and practice in the teaching of sign writing to deafblind students, as well as integration between the Brazilian sign language (Libras) and sign writing, evaluating performance with flexibility.

KEYWORDS: Adapted teaching material. Sign Writing. Deafblind people.

1. Introdução

Este artigo apresenta criação de um material escrita de sinais para adaptar os símbolos escritos de configurações de mão para formas gráficas, táteis e confeccionadas em relevo, de modalidade tátil. O objetivo dessa pesquisa é apresentar uma produção de material de escrita de sinais em recursos táteis. A metodologia é utilizada por formas confeccionadas em escrita de sinais na modalidade tátil e uma pesquisa bibliográfica. Progrida-se teoria e prática no ensino de escrita de sinais para os alunos surdocegos na integração entre a língua brasileira de sinais (Libras) e a escrita de sinais, avaliando desempenho com flexibilidade.]

¹ Universidade Federal do Tocantins (UFT) Porto Nacional. Programa de Pós-Graduação de Letras. liacoelho@mail.uft.edu.br, <https://orcid.org/0009-0008-0803-2572>.

² Universidade Federal de Ceará (UFC), loiola.ellen@ufc.br, <https://orcid.org/0000-0003-0941-1853>.

A delimitação do tema deste artigo foi específica na sala de aula do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). A justificativa deste artigo exalta a importância do tema a ser analisado, para que a escrita de sinais seja estudada através de disciplinas na sala de aula. Oferecer a importância de acesso de pessoas surdocegas em fase escolar e acadêmica.

2. Fundamentação teórica

O SignWriting (SW) é um sistema de escrita de sinais. No surgimento do SW, a coreógrafa americana Valerie Sutton criou um sistema chamado Dance Writing para escrever os movimentos das danças em 1974. Esse sistema foi interessante por pesquisadores surdos na Dinamarca como era possível escrever os sinais de língua de sinais, pois o SW foi um sistema para representar os gestos. O SW foi traduzido e adaptado pela professora Marianne Stumpf da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), através de inglês-ASL/português-Libras, em 1996 no Brasil. Na pesquisa de Stumpf, havia uma história de escrita:

As comunidades surdas tiveram seu processo de busca e criação de uma escrita interrompida pelos mais de cem anos da exclusão de suas línguas que, de tão desqualificadas, nem eram cogitadas para objeto de pesquisas sérias. (Stumpf, 2005, p. 46)

Durante toda nossa experiência e convivência na comunidade surda, temos percebido diversos entraves, especialmente no que diz respeito à comunicação entre surdos e surdocegos. Infelizmente, ainda se perpetua em nossa sociedade preconceitos a respeito das pessoas surdocegas e suas limitações. Estes fatos se agravam à medida que carecem de políticas públicas com referência à educação e aos direitos da comunidade surda. Essa pesquisa propõe metodologias práticas e procedimentos didáticos que possam servir de auxílio aos professores e ocorre o processo de ensino de escrita de sinais para desenvolver melhor aprendizagem dessas pessoas surdocegas no Brasil.

Optamos pela construção do material didático adaptado utilizando escrita de sinais não só por ser acessível às pessoas surdocegas e com baixa visão que têm o domínio a Libras e Libras tátil, mas também para auxiliar àquelas que estão aprendendo a escrita de sinais.

Ainda, mencionamos que há três tendências na educação dos surdos: oralismo, comunicação total e bilinguismo. Martins e Giroto (2011) explicitam as ideias centrais de cada uma dessas tendências teórico-filosóficas:

O Oralismo que defende o uso exclusivo da língua oral na interação surdos/ouvintes, enfatiza a importância do uso de habilidades auditivas como pré-requisitos para o desenvolvimento da linguagem, pois seus precursores propõem um trabalho intensivo de estimulação auditiva, o qual deve iniciar-se o mais cedo possível na vida da criança surda.

A abordagem da Comunicação Total que apresenta como proposta a valorização dos mais variados recursos que podem facilitar o acesso do surdo à linguagem oral e escrita, propõe práticas bimodais/simultâneas, das quais fazem parte sinais e fala, possibilitando ao surdo o acesso mais fácil às modalidades oral e escrita da língua majoritária.

[...] a filosofia de educação bilingue tem proposto o acesso da criança a duas línguas: a de sinais e a oficial do país, neste caso na modalidade escrita. Contrária à filosofia da Comunicação Total, nesta visão, ambas as línguas não podem ser usadas simultaneamente pelo fato de possuírem estruturas diferentes. Seus proponentes concebem os sinais como a ‘língua natural’ dos surdos (Moura, 1993), sendo que estes são considerados como pertencentes, na maioria dos casos, a uma comunidade distinta daquela a que pertencem os ouvintes (Martins; Giroto, 2011, p. 8-9)

Poucas pesquisas na escrita de sinais concentram-se na identidade e cultura surda. Inicialmente, são identificadas algumas dificuldades relacionadas ao bilinguismo, que influenciam na educação como essas tendências. As vantagens e desvantagens não serão discutidas dessas tendências, pois demandam anos de observações de cada uma dessas metodologias, bem como os estudos teóricos mais aprofundados. Segundo Fernandes (2018): “o bilinguismo é a situação social em que são contempladas duas línguas em uma comunidade, seja um país, uma cidade ou uma localidade específica”.

A maioria de alunos com surdocegueira começa a surgir dificuldades em relação ao processo de aprendizagem como, por exemplo, atraso na aquisição de conhecimento, se desenvolvem até o período escolar. A busca por melhor forma de mediar a aquisição da leitura e escrita de sinais foi a força motriz para que o trabalho através do lúdico se tornasse realidade.

Ferreiro (2002) enfatiza que a aprendizagem da leitura e da escrita não se dá espontaneamente, mas exige uma ação da surdocega para mediar esse conhecimento:

Minha função como investigadora tem sido mostrar e demonstrar o que as crianças pensam a propósito da escrita, e que seu pensamento tem interesse, coerência, validade, e extraordinário potencial educativo. Temos que escutá-las desde os primeiros balbucios escritos (contemporâneos de seus primeiros desenhos). (Ferreiro, 2002, p. 36 *apud* Simonetti, 2005, p. 30)

Dessa forma, buscaremos a construção do conhecimento dos surdocegos através do lúdico, à primeira vista, o mais adequado para a sala de surdos e ouvintes. O brincar torna-se, então, aliado essencial para que o surdocego possa formular suas hipóteses sobre a escrita de sinais, pois lhe traz também um significado prazeroso, elemento fundamental e possibilitador para a expressão surdocego.

Para o surdocego o universo da escrita de sinais constitui-se em desafio muito maior do que para surdos, pois o surdocego necessita internalizar sua primeira língua para que possa ter suporte simbólico e teórico das representações. O processo é semelhante para ambos na medida em que a comunicação existente favorecerá a interrelação do envolvidos e a introdução na comunidade e qual pertencem. A aprendizagem é estabelecida pela comunicação, a pessoa surdocega necessita de modalidade tátil para receber informação e, desse modo, produzir seu conhecimento, expressando-se através de uma forma tátil.

O acesso à língua de sinais por meio de interações sociais com as pessoas surdocegas se pode garantir práticas comunicativas apropriadas ao desenvolvimento pleno das crianças surdocegas. Esse desenvolvimento é possibilitado através da educação com necessidades de recursos ampliados e táteis.

Apresentamos uma perspectiva de educação na Constituição Federal, considerando os direitos e a facilitação de vida escolar das pessoas surdocegas, designando o artigo 24:

Garantia de que a educação de pessoas, em particular crianças cegas, surdocegas e surdas, seja ministrada nas línguas e nos modos e meios de comunicação mais adequados ao indivíduo e em ambientes que favoreçam ao máximo seu desenvolvimento acadêmico e social. (Brasil, 2019, p. 274.).

Portanto, o processo educacional dos alunos surdocegos exige estratégias adaptadas que ajudam a concretizar bem na escola e na universidade.

É preciso definir que a Libras tátil é o sistema que consiste a Libras adaptada aos surdocegos. Vamos conhecer a educação de surdocegos.

2.1. A educação de surdocegos

Há educação de surdocegos, continuamente, junto com a educação de surdos, de acordo com Amaral (2002, *apud* Cader-Nascimento, 2021, p. 11): “o método gestual, desenvolvido na França, e o oral, na Alemanha, sofreram algumas adaptações ao serem utilizados com pessoas surdocegas”.

Considerando as pessoas surdocegas na educação de surdocegos no mundo, segundo Cader-Nascimento (2007 *apud* Galvão, 2010) abordando como Victorine Morriseau foi a primeira surdocega a receber educação formal em 1789, em Paris. Julia Brice, surdocega americana, aprendeu os sinais no asilo de surdos de Hartford, aos quatro anos e meio, em 1825. Laura Bridgeman, surdocega desde os dezoito meses de vida, aprendeu a ler e escrever através de utilização da dactilologia (alfabeto manual dos surdos), na Escola Perkins, Estados Unidos, em 1829. Bertha Galeron ficou cega aos seis anos e surda aos 30 anos e aprendeu o sistema braile com freiras em Paris, em 1859. Germaine Cambon, surdocega francesa, foi aceita em uma escola para meninas surdas em 1860. Eugenio Malossi, surdocego aos dois anos de idade, foi educado na Itália em 1885 e aprendeu o artesanato e a mecânica, além de vários idiomas e o braile. Olga Ivanova, surdocega ucraniana e com deficiência física aos quatro anos, em 1914, foi doutora em Psicologia e Ciências Pedagógicas.

Começam os primeiros registros de educação de surdocegos nos Estados Unidos, a aluna surdocega Helen Keller, importante representante dos surdocegos no mundo, nasceu em 1887, em Tuscumbia, ao norte de Alabama (EUA), ficou surdocega aos dezoito meses de idade e foi educada usando o método do alfabeto manual digital na palma da mão a partir dos sete anos pela professora Anne Sullivan, também parcialmente cega. A história de Helen Keller contém o processo de construção de conhecimento de mundo, aquisição de linguagem por meio da educação e comunicação, e depois da morte de Helen Keller, a memória continua como um exemplo de superação (Vilela, 2020). Segundo Vilela (2020): “a linguagem é um recurso que permite colocar a comunicação em prática, incorporando as pessoas na sociedade”.

A vida de Helen Keller se tornou dedicada ao reconhecimento e desenvolvimento da educação de surdocegos do mundo.

Na Europa, a educação de surdocegos já começa na França (1884), Alemanha (1887) e Finlândia (1889), posteriormente, há um atendimento de pessoas com surdocegueira em alguns países, tendo objetivo de produzir conhecimentos sobre educação de surdocegos. A surdocegueira inicia no Brasil em 1953, quando o país recebe a conhecida Helen Keller, um ícone mundial (Almeida, 2019), portanto, no Brasil os primeiros atendimentos da educação para surdocegos se começam em classes especiais em uma escola de surdos de ou cegos.

É importante destacar o significado de surdocegueira:

O termo surdocegueira refere-se à combinação dos comprometimentos sensoriais auditivo e visual, em diferentes graus, na mesma pessoa, com implicações no processo de aquisição ou aprendizagem linguística. A presença da surdocegueira impede ou limita o acesso à informação auditiva e visual, altera os processos de aquisição de interação social e modifica a orientação e mobilidade da pessoa nos espaços sociais (Cader-Nascimento, 2021, p. 25)

A pessoa surdocega tem a associação dos dois sentidos, incapazes da audição e da surdez, podendo ser total ou parcial, simultaneamente, levando a pessoa surdocega a ter necessidades específicas para desenvolver comunicação, mobilidade, interação e acesso às informações sobre o mundo para conquistar a autonomia. O termo surdocego passa a ser usada para o conceito como os surdocegos são indivíduos que têm uma perda substancial da visão e audição de tal modo que a combinação de suas deficiências causa extrema dificuldade na conquista de habilidades educacionais vocacionais, de lazer e sociais (Kinney, 1977, p. 21).

3. Objetivos

3.1. Objetivo geral

- Apresentar uma produção de um material didático adaptado de escrita de sinais para auxiliar e facilitar as pessoas com surdocegueira.

3.2. Objetivos específicos

- Adaptar os sinais escritos de escrita de sinais por formas confeccionadas de mesmos sinais em relevo, através do tato e utilizar os recursos táteis.

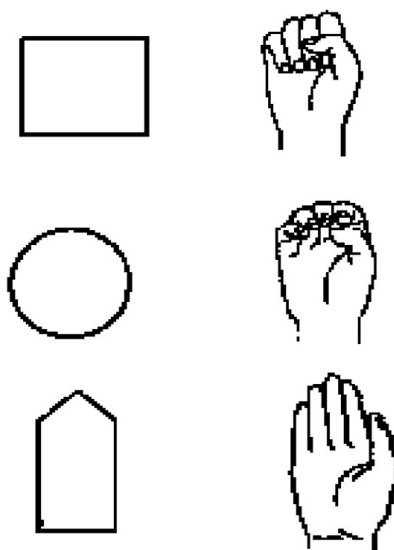
- Conhecer as necessidades, os recursos de adaptação e as estratégias que promovem o acesso ao conteúdo de forma a facilitar a compreensão da pessoa com surdocegueira ou baixa visão.

4. Justificativa

O SignWriting (SW) é um sistema gráfico-esquemático-visual secundário das línguas de sinais e um sistema de escrita para escrever línguas de sinais. Essa escrita expressa as configurações de mãos, os movimentos, as expressões faciais e os pontos de articulações das línguas de sinais. A palavra SignWriting em inglês significa escrita de sinais no Brasil.

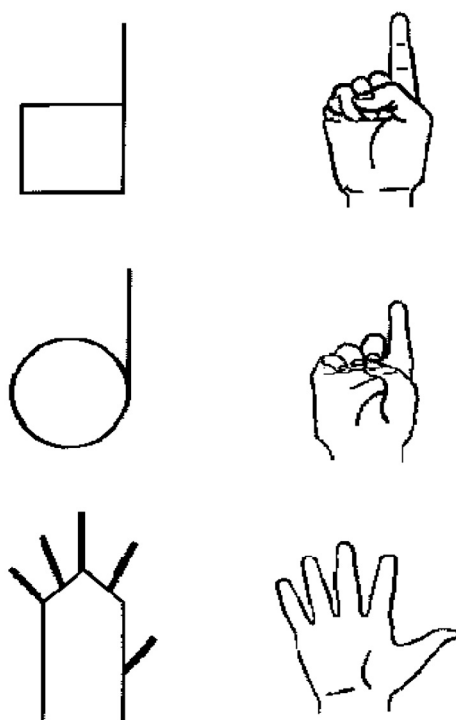
Nesse trabalho, mostraremos as configurações de mão em SW com as formas gráficas abaixo:

Figura 1: Três configurações básicas de mão são punho fechado, punho aberto e mão plana.



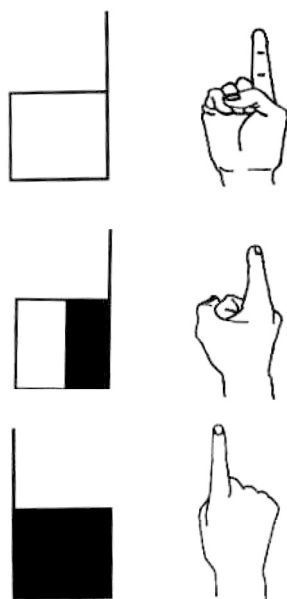
Fonte: <http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0472-BR-Licoes-SignWriting.pdf>

Figura 2: Linhas para os dedos são mão indicadora, mão – D e mão aberta



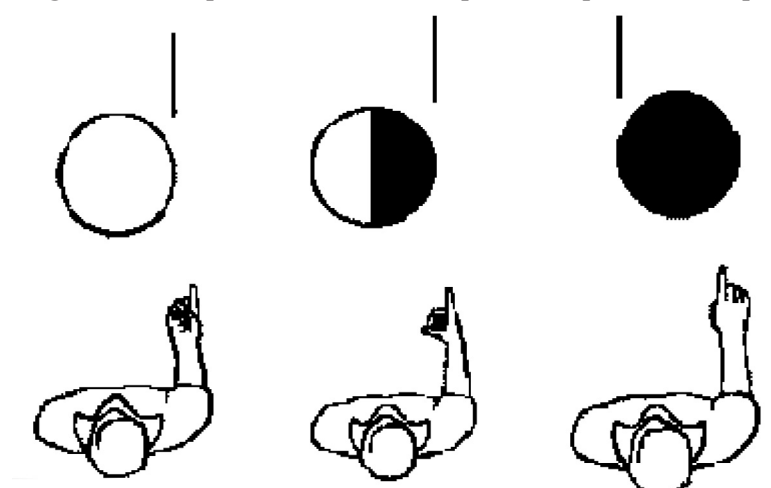
Fonte: <http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0472-BR-Licoes-SignWriting.pdf>

Figura 3: Punhos fechados - vista de frente, vista de perfil e vista de dorso.



Fonte: <http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0472-BR-Licoes-SignWriting.pdf>

Figura 4: Mão paralela ao chão ou a posição separada do corpo



Fonte: <http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0472-BR-Licoes-SignWriting.pdf>

No SigniWriting, a configuração de mão é colocada na orientação da mão como vista de frente, o punho fechado, o punho aberto e a mão plana ficam com a cor branca (figura 1). Nas linhas para dedos, a mão indicadora fica com o punho fechado para cima, a mão aberta em D é estendida a partir do círculo para cima e a mão aberta é paralela à parede como vista de frente para cima (figura 2). A configuração é colocada em três símbolos como a vista de frente fica com a cor branca, a vista de perfil fica com as cores branca e preta e a vista de dorso fica com a cor preta, todas são paralelas à parede (figura 3). E a posição da mão é perto do corpo ou separado do corpo (figura 4).

Para a criação de um material, o ensino de escrita de sinais é indispensável, vista a importância da aprendizagem do aluno surdocego ao utilizar essa disciplina na modalidade tátil através de materiais adaptados. O uso de material possibilita a percepção por meio da exploração sensorial e o manuseio de forma uni (uma mão) e bimanual (duas mãos).

5. Metodologia

A metodologia adotada desse artigo é a pesquisa bibliográfica e utiliza padrões de formas gráficas e confeccionadas de símbolos de escrita de sinais em EVA, no sentido do tato. O material é usado de contorno de figuras gráficas em baixo relevo e de baixo custo. O importante critério na criação de materiais e recursos didáticos para surdocegos é o relevo. Esse relevo é um melhor recurso e utilizado, por facilitar a percepção e a distinção pelo tato. Para a construção, esse material é utilizado para compor:

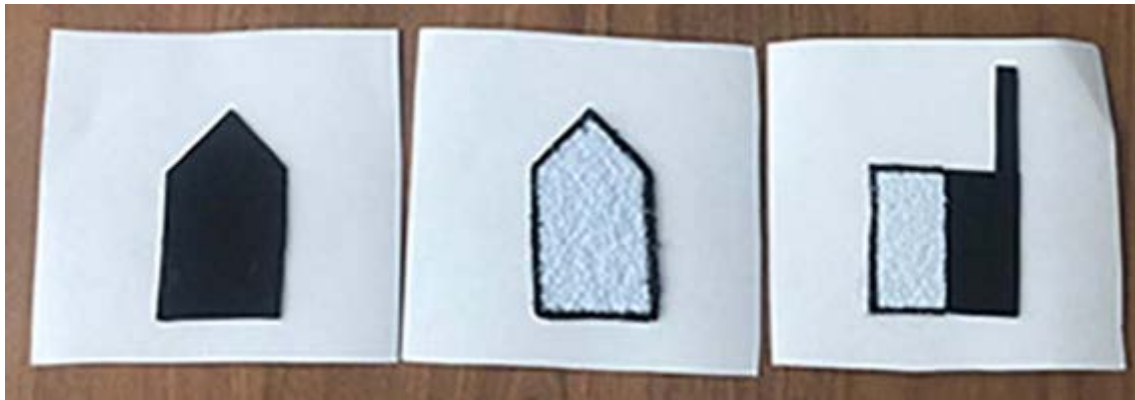
- » EVA com textura preta lisa, textura branca áspera e textura preta áspera, de média grossura;
- » Cartolina grossa para fazer cartelas em quadrado, ou preferência de tamanho mais ampliado;
- » Cola instantânea;
- » Caneta permanente para marcar os laterais de peças com cor preta;
- » Caneta comum sem tinta para riscar EVA;
- » Tesoura (preferência grande);
- » Régua para medir as peças de símbolos gráficos de escrita de sinais;
- » Ferramenta de geometria para círculos ou base circular de copo.

Figura 5: Material adaptado e tátil de SW para pessoas surdocegas.



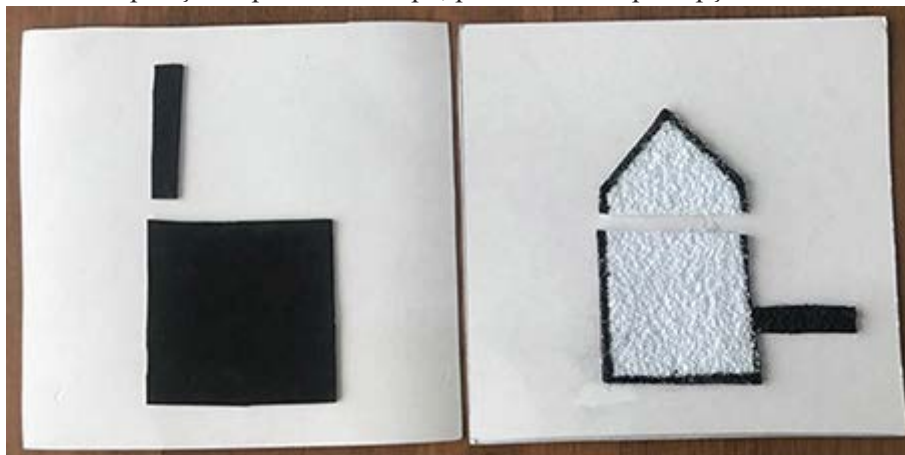
Fonte: Imagem pessoal

Figura 6: Material com formas confeccionadas em EVA, de cor preta textura lisa e de cor branca textura áspera, capaz de ser reconhecido pelo tato.



Fonte: Imagem pessoal

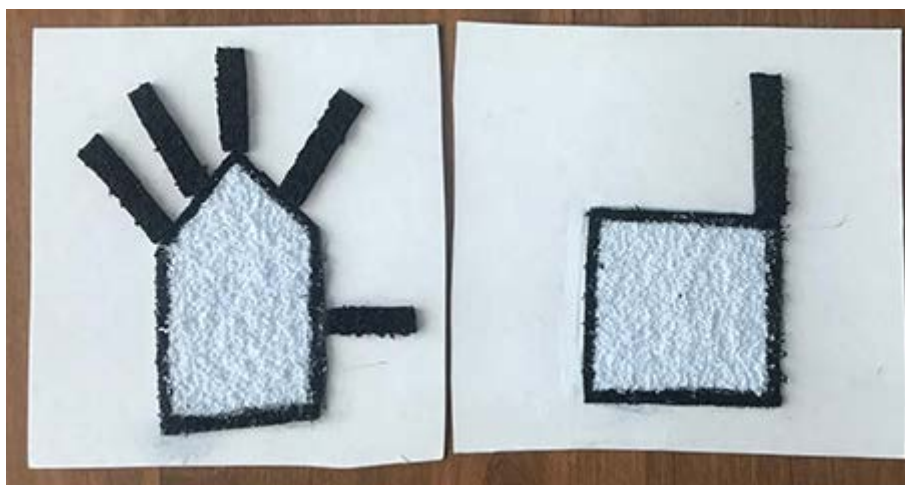
Figura 7: Material confeccionado em EVA com as formas de mãos paralelas no chão ou a posição separada do corpo, para facilitar a percepção tátil.



Fonte: Imagem pessoal

As peças em formas de posições da mão ou símbolos para as mãos em escrita de sinais que trabalhamos são símbolos básicos de configurações de mão e são confeccionadas em EVA, de média grossura, com quantidades em baixo relevo, mas são revestidas de cor branca textura áspera, de orientação da mão para vista de frente e de outra cor preta textura lisa, de orientação da mão para vista de dorso conforme a figura 6, facilitando a posição e utilizando padrões de formas gráficas, é possível as pessoas surdocegas interpretá-las como mensagens, reconhecendo a escrita de sinais. O tamanho dessas peças é variado de dimensões adequadas para que o recurso se torne útil e significativo, e na preferência seja muito ampliado. E outras peças com os dedos como mão indicadora, mão – D e mão aberta são confeccionadas em EVA de cor preta textura áspera como parece com a cor branca textura áspera, que é na orientação da mão como vista de frente (figura 8).

Figura 8: Formas confeccionadas com dedos de mão de cor preta áspera que é na orientação da mão como vista de frente.



Fonte: Imagem pessoal

Para o entendimento tátil, as formas reproduzidas são ampliadas em relação às originais de escrita de sinais. Por isso, a percepção tátil é uma ferramenta que pode ser explorada no desenvolvimento de materiais, por meio do tato para o ensino de escrita de sinais.

Analizamos que o material adaptado às pessoas com surdocegueira e aos surdos com baixa visão encontra como possibilidade de educá-los, associando o lúcido para captar o conhecimento. Identificar uma de características inerentes a alunos deficientes visuais para poder, segundo (Pacheco, 2007), é promover um planejamento curricular adaptado à presença do aluno portador de deficiência, visando o melhor aproveitamento possível da classe como conjunto. Os materiais confeccionados e táteis representam elementos estudados, enriquecendo o significado e imagens mentais. Vilela (2020) aborda o tato no contato: “o tocar, na comunicação, remete ao tocar-se, tanto para quem toca na transmissão da informação quanto para o surdocego que recebe a informação por meio do toque”.

Segundo a Cader-Nascimento (2010), o surdocego necessitará aprender a utilizar os sentidos remanescentes e ou resíduos auditivos e visuais, descobrindo sua via de acesso ao saber historicamente elaborado pela humanidade, bem como descobrindo como manter trocas significativas e necessária à sua sobrevivência.

Essa pesquisa explora o desenvolvimento de material de apoio adaptado, alcançando-se um resultado adequado. Com a relação aos alunos com deficiência visual e com surdocegueira, a autora Uliana (2013) expõe: “a real disposição do professor em conhecer seus alunos, suas expectativas, suas habilidades e suas dificuldades pode levá-lo a adotar uma metodologia de ensino e ou escolher/adaptar um material pedagógico que seja eficiente no processo ensino/aprendizagem de cada conteúdo de sua disciplina” e refere que propõe-se estudos futuros como analisar os benefícios do uso de material, focado na aprendizagem da matemática, por alunos com outras deficiências, como síndrome de Drow, coordenação motora comprometida e surdocego.

A partir disso, as proposições para o ensino de disciplinas para alunos surdocegos, podem ser relacionadas aos recursos auxiliares e às atividades práticas ou experimentais.

6. Apresentação de resultados

Com o material a ser analisado e confeccionado relacionado a símbolos básicos de configurações de mão de escrita de sinais em Libras, o material impresso de escrita de sinais deve ser adaptado a partir de programas que têm imagens visuais. Assim, as imagens visuais transformam em material gráfico, capaz de ser reconhecido pelo tato. Como adaptado e tátil, um material foi usado por alunos surdos e ouvintes como aprendizes de escrita de sinais, usando as vendas para os olhos, após receberam princípios para a dinâmica desse material realizada na oficina em uma sala de aula de curso de Letras Libras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Eles já possibilitaram a identificação dos sinais em escrita de sinais com a estimulação tátil ou forma de sensibilização para a necessidade do uso do tato, assim o resultado foi bem definitivo.

Realizamos entrevista com os dois participantes surdocegos na Universidade Federal de Ceará (UFC) em Fortaleza – CE, sobre experimentação deles com o material tátil de escrita de sinais, portanto, o resultado demonstrou que a adaptação feita para uso por esses participantes surdocegos foi muito satisfatória e definitiva. A pesquisa qualitativa possibilita a compreensão e o desenvolvimento da dinâmica de escrita de sinais, através de estratégias práticas e linguísticas. No entanto, ajudaremos as pessoas com surdocegueira a desenvolver habilidades para participar de uma dinâmica desse material junto com as pessoas da comunidade surda, facilitando o processo de conhecimentos de escrita de sinais.

Considerações finais

A importância dessa pesquisa é desenvolver o trabalho para a criação de material didático e adaptado de escrita de sinais para favorecer o aprendizado das pessoas surdocegas e garantir a inclusão em sala de aula requer, o conhecimento de estratégias e recursos de ensino de escrita de sinais que promovem o acesso ao conteúdo de forma a facilitar a compressão do aluno surdocego, como o uso de materiais didáticos e adaptados e de dinâmica de modalidade tátil. Assim, os experimentos utilizam o material de baixo custo, fáceis de encontrar e manusear e que fornecem uma percepção tátil para as pessoas surdocegas.

O processo de crescimento do aluno surdocego começa na escola e na universidade, onde imerge na cultura surda. O aprendizado de sinais se inicia, a aquisição de vocabulário em Libras se amplia e se consolida. À relação com o surdocego, utilizando a modalidade de Libras, o aprendizado de língua portuguesa ocorre paralelamente à Libras, na escola e na universidade, caracterizando o ensino bilíngue, o aluno se expressa em Libras, escreve e lê em escrita de sinais e o crescimento intelectual se inicia.

Concluindo, no que se refere aos procedimentos metodológicos, espera-se ter contribuído com os professores que atuam junto à comunidade de pessoas surdocegas, no sentido de superar as dificuldades observadas ao longo do estudo. Se propõe sugestões a serem adaptadas a cada realidade e contexto. Mais do que isso, espera-se com o artigo chamar a atenção para esse assunto, principalmente, em relação à necessidade de mais estudos que contribuam para aprofundar esse importante tema.

Referências

- ALMEIDA, W. G. *O guia-intérprete e a inclusão da pessoa com surdocegueira*. Editus. Ilhéus, 2019.
- BRASIL, *Constituição Federativa do*: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, compilado até a Emenda Constitucional nº 99/2017. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019.
- CADER-NASCIMENTO, F. A. A. *Surdocegueira e os desafios da escrita*. Curitiba: Editora CRV, 2021.
- FERNANDES, S. *Língua Brasileira de Sinais – Libras*. 1. ed. Curitiba: Inteligência Educacional e Sistemas de Ensino – IESDE - Brasil, 2018.
- FERREIRO, E. *Passado e presente dos verbos ler e escrever*. São Paulo: Cortez, 2002.
- GALVÃO, N. C. S. S. *A comunicação do aluno surdocego no cotidiano da escola inclusiva*. Editora da UFBA: Salvador – BA, 2010.
- KINNEY, R. A Definição, Responsabilidades e Direitos dos Surdocegos. *In*: ANAIS I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO DO DEFICIENTE AUDIOVISUAL – Associação Brasileira de Educação de Deficientes Visuais - ABEDEV. São Paulo, 1977.
- MARTINS, S. E. S. de O.; GIROTO, C. R. M. *Surdez, linguagem e educação inclusiva*. Educação Especial – Módulo 12. Deficiência auditiva/surdez. Disponível em: http://efp-ava.cursos.educacao.sp.gov.br/Resource/153528,9BA/Assets/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Especial/pdf/Modulo%2004/ede_m04t02.pdf. Acesso em: 20 abr. 2020.
- PACHECO, J. *et al. Caminhos para a inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe escolar*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- SIMONETTI, A. *et al. O desafio da teoria*. Fortaleza. Editora Copyright, 2005. p. 30.
- STUMPF, M. R. Práticas de bilinguismo: relato de experiência. *In*: ETD - Educação temática digital. Educação de Surdos e Língua de Sinais. Disponível em: <http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=129&layout=abstract>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- STUMPF, M. R. *Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelo sistema de SignWriting: língua de sinais no papel e no computador*. Tese de Doutorado. Porto Alegre, UFRGS, 2005.
- ULIANA, M. R. *Inclusão de estudantes cegos nas aulas de matemática: a construção de um kit pedagógico*. Bolema, vol. 27. Rio Claro, 2013.
- VILELA, E. G. *Educação de surdocegos: perspectivas e memórias*. 1. ed. Appris. Curitiba, 2020.